

Cibernarcismo

Hermano Vianna

escrito em 13/6/96, publicado no Brasil Online, que não sei se ainda existe...

A última vez que procurei a palavra "narcisismo" no Altavista (<http://altavista.digital.com>), recebi como resposta o endereço de 2.235 páginas da Web. Na maioria delas, o narcisismo aparece como um autodiagnóstico: os autores de centenas de páginas pessoais, antes que qualquer outra pessoa faça a acusação, assumem a sua presença na Internet como o resultado de um desejo total e desenvergonhadamente narcisista. É assim, sob o signo de Narciso, que interpretam as razões para achar que o mundo está interessado em suas listas de bookmarks preferidas ou nas fotos de seus entes mais queridos, itens absolutamente comuns em páginas pessoais. A Internet democratizou a publicidade e as mercadorias mais anunciadas nos outdoors de suas auto-estradas de fibra ótica são egos do tamanho do ciberespaço.

De onde surgiram esses egos? Eles estavam à espreita, escondidos atrás de todas as telas de computador, só esperando o momento para propagandear suas mais fúteis qualidades? Como alguém, em sã consciência, pode achar que o mundo precisa conhecer seus gostos, opiniões e intimidades? Todas as home-pages da Internet parecem dizer: olhem como eu sou superbacana! Contemplem minhas geniais idiossincrasias (tudo embalado com uma programação último tipo de vml e javascript) e refinamentos (mesmo se gosto de lixo, ninguém consome lixo tão radical)! Vejam tudo o que vocês (vocês aí do outro lado do planeta) estão perdendo por não serem meus amigos!

Nada contra: é bom descobrir, subitamente, que existe tanta gente especial no mundo, e que minha capacidade de fazer novos melhores amigos (não sabia que tinha tanta gente "parecida" comigo espalhada nos cinco continentes) depende apenas da velocidade do meu modem. Mas era isso mesmo que se esperava do uso que os pobres mortais iam fazer das possibilidades infinitas da Internet? Por que a maioria dos cibernavegadores não escolheu permanecer nas vantagens (também infinitas) do anonimato? E qual é o futuro de uma mídia que desencadeou tal maremoto narcisista? Não haveria aí um paradoxo mortal: a mídia permite a comunicação como os outros, mas Narciso - que tomou conta da mídia - está mais interessado em si mesmo? A vitória de Narciso seria a paralisação da rede: só oferta e nenhuma procura.

Em seu narcisismo latente, a Internet mais uma vez deixa exposta sua raiz profunda na cultura do individualismo norte-americano. Os ideólogos das vantagens da vida na (com a) rede, sempre elogiaram a capacidade ciberespacial de ir contra à odiosa e "emburrecedora" cultura de massa. Os indivíduos, com o auxílio da Internet, assumiriam o controle das informações que desejam consumir, dando um basta ao reinado dos canais de televisão e das agências de notícia. Mais do que isso: cada indivíduo poderia se transformar numa central de broadcasting emitindo sua peculiar visão de mundo para quem quiser captá-la. Para a ideologia individualista que está na base do desenvolvimento da rede, isso tudo significaria um avanço enorme para a humanidade (como se o individualismo fosse seu único e melhor destino). Pouca gente questionou essa ideologia. Pelo contrário, ela é quase sempre algo considerado indiscutível ou óbvio como o neoliberalismo.

O sociólogo norte-americano Christopher Lasch já apontou a conexão cada vez mais inevitável entre o individualismo e o narcisismo. A análise desenvolvida em seu best-seller acadêmico A cultura do narcisismo, publicado em 1979 (bem antes da popularização da rede e um pouco antes da popularização do computador pessoal), pode ser aplicada sem medo ou muitos retoques para a sociopsicologia do ciberespaço. Lasch mostra como o narcisista precisa se comunicar, não

exatamente para estabelecer um troca de informações, mas para conquistar a aprovação e o elogio dos outros, que alimentam o curto-circuito de sua auto-imagem. O narcisista, apenas nesse sentido, é um parasita do outro. Não seria nenhum exagero dizer que o cibernarcisista é um parasita da rede. A rede faz o papel de um vago e vasto Outro, com o qual só se pode estabelecer relações superficiais. O Outro se manifesta sempre superficialmente: sua presença e atuação pode ser medida apenas pelo contador que mostra quantas pessoas acessaram a homepage do Narciso, ou (se o Narciso for realmente poderoso) pelo número de links que apontam para sua página na páginas dos outros. A Internet é então o grande lago-espelho onde o Tecnonarciso se contempla e se perde.

Christopher Lasch, para reforçar seus argumentos pré-ciberespaciais, cita o estudo de Susan Sontag sobre a fotografia, onde está escrito que as novas mídias tecnológicas têm efeitos decisivos (e nada virtuais) sobre o mundo real. Sontag descreve o processo no qual a realidade, sob a sedução das informações contidas na mídia fotográfica, começa a assemelhar-se, cada vez mais, com o que as câmeras nos mostram. Não acontece o mesmo com a Internet? A realidade passa a se comportar cada vez mais (tudo deve ser traduzível em linguagem digital) como se fosse um mundo virtual, onde a existência dentro da rede é garantia da existência de tudo que ficou fora. Sontag vai mais além: as imagens das fotos não apenas garantem a existência no "mundo real": elas provam essa existência. O que não está registrado em foto, o que não se converte em bytes por segundo deixa de existir ou ninguém mais acredita na sua existência. Ficar totalmente fora da Internet é estar condenado à morte: não é isso que diz a nova cartilha do capitalismo e do narcisismo? Como Narciso (ou qualquer outro Capital) pode sobreviver a não ser dentro da rede?

No mito grego, a rede (ou melhor, o lago-espelho) foi a perdição de Narciso, que se apaixonou por sua imagem refletida e se esqueceu do mundo real, do corpo real (que precisa de outros alimentos além dos reflexos). Narciso não era exatamente um bobo. Ele não sabia que aquela era sua imagem refletida: achava que o objeto de sua paixão era um belo ser que vivia dentro do lago. Muita gente não entende esse aspecto do mito. Marshall McLuhan (ele mesmo, o ídolo de - quase - todo cibernauta) foi um dos poucos a lançar uma interpretação de Narciso que descarta sua bobeira. A imagem refletida é entendida (no livro *Understanding Media* - para uma citação completa da passagem sobre o narcisismo ver <http://www.cs.umass.edu/~ehaugjsja/indices/index3/index39.html>) como uma das possíveis extensões do homem (que vão de próteses biônicas a fitas de som). O erro de Narciso foi ter se transformado no servomecanismo (ainda mais em circuito fechado) daquilo que era apenas uma extensão do seu corpo. O Cibernarciso de hoje comete erro semelhante ao se transformar (sempre achando que está expandindo seu ego) em apenas uma peça da rede de buracos negros da Internet.

A Internet seria apenas esse beco narcisista sem saída, se tudo nela fosse extensão de sua ideologia (anti-cultura-de-massa, pró-individualismo etc.) dominante. Ainda bem que outras forças e outros becos e outras ideologias circulam na grandes rede (que antes de qualquer outra coisa é uma rede de redes, não totalmente traduzíveis entre si). Como palco também ideal para treinamento de táticas anti-individualistas radicais, a Internet pode ser usada como arma anti-narcisismo ou máquina tecnobudista de destruição de ego. Vendo sua imagem refletida no ciberespaço, o vacilo do narcisista é de outro nível: é não perceber que sua extensão é feita com pedaços de extensões de muitas outras pessoas (existe alguma página totalmente original, que não tenha dentro de si conjuntos de bytes "sampleados" de outras páginas? e a tecnologia digital não veio principalmente nos libertar da tirania original/cópia?)

Os pedaços com os quais construímos nossas imagens, páginas e avatares na rede não têm necessariamente uma origem humana. Grande parte da população da Internet já é constituída por aliens e robôs que simulam ser humanos. Todos os dias temos contato com eles: os programas que checam as páginas dos outros a procura de novidades; personagens de MUDs que respondem às nossas perguntas; infobots que sabem nos aconselhar que discos comprar. Podemos também

programar infobots para nos representar quando não estamos presentes na rede ou quando estamos ocupados em algum de seus trilhões de recantos. Narcisos multiplicados e fragmentados ao infinito. Mas ainda narcisistas?

Meu plugin para Netscape preferido é o que permite escutar "composições" realizadas com o programa Koan Pro (<http://www.sseyo.com>) ao passear pelas homepages dos outros. Não é ingenuidade dizer que o Koan Pro muda definitivamente nossa relação com a música. Através desse programa, qualquer pessoa pode criar uma quantidade infinita de música, que pode se renovar "eternamente" através de pequenas mudanças aleatórias em centenas de parâmetros para cada som. Ninguém, nem ao menos o programa, é autor das músicas que são escutadas. Todos podem modificar as composições de todos. Tudo vira uma rede interminável (como a Internet) de sons de muitas origens, uma rede que pode muito bem passar a ser uma única composição. Nesse oceano (navegável e naufragável) de sons, Narciso está perdido. Qualquer outro mecanismo de defesa do ego (e da autoria, e da "genialidade" de raros autores) também dança. Mas nem tudo está perdido. O que sobra? Este é um segredo quase zen. Afinal, o que sobra no Nirvana, depois da iluminação?

Então a grande batalha pelo controle (ou descontrole, depende da perspectiva) da Internet já está sendo travada. E não somente em espaços mais visíveis, como o da luta contra a censura. Espalhadas por todos os lugares, quase coladas uma nas outras, as fortalezas narcisistas reforçam seus exércitos e armamentos. Entre as muralhas, e na maioria das vezes atravessando-as, as correntes nômade e anárquicas da destruição dos egos agem na surdina (ou com muito barulho, inclassificável). Quem vence, quem vencerá? Talvez a batalha não tenha fim, nem placar. Mas é bom saber de que lado cada um está.